



PESQUISA COM CRIANÇAS QUILOMBOLAS: APONTAMENTOS INICIAIS

Wesley Santos de Matos¹
Benedito Eugenio²

INTRODUÇÃO

É inegável que no século XX, especialmente na sua segunda metade, os avanços das pesquisas, em diferentes campos do conhecimento (Educação, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Saúde Pública) que se detiveram em compreender as crianças enquanto sujeitos de direito e que possuem agência em muito contribuíram para a produção de saberes acerca da infância.

As crianças sempre se fizeram presentes nos mais variados contextos sociais, compartilhando-os com os adultos. No entanto, esses atores nunca foram estudados com interesse e nem tampouco foram lhes dado voz e direito de serem autores de suas próprias histórias, pois as crianças eram colocadas em posições de dependência e subalternidade em relação aos adultos (ARIÈS, 1978).

Estudar a infância requer do pesquisador uma imersão densa no mundo infantil para obter subsídios acerca das construções sociais estabelecidas pelas crianças e como se estruturam tais relações em contextos variados de socialização. Assim, é imperativo imbuir-se de uma concepção mais alargada sobre a infância de tal modo que a criança possa assumir uma posição de protagonismo, rompendo com as visões hegemônicas; dessa forma, o adultocentrismo abre espaço para as relações sociais construídas pelas crianças.

É a partir dessas concepções sobre o mundo construído pelas crianças e de suas relações, que buscamos entrar no campo de pesquisa, com muitos medos e receios pelos desafios que nos esperavam, pelo contato com as crianças e de como eu, enquanto adulto, deveria me portar diante e com elas. Essas foram as minhas preocupações e temores iniciais. É a discussão acerca desse processo que realizamos no presente texto.

1 Mestrando Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Endereço eletrônico: wesleyxdmattos@hotmail.com

2 Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: beneditoeugenio@bol.com.br



METODOLOGIA

A investigação, cujos resultados iniciais são aqui apresentados, foi realizada por meio de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, numa escola quilombola. Para a construção dos dados, realizamos observações em sala de aula e em outros espaços da comunidade pesquisada e entrevistas com as crianças.

De acordo com Graue e Walsh (2003), para desenvolvermos descrições das ações das crianças devemos fazer algo a mais do que simplesmente descrever detalhadamente o que elas estão a fazer. Este algo a mais envolve explorar o significado e a intenção.

Pesquisar crianças requer um olhar diferenciado por parte do pesquisador, uma vez que por mais que tentemos, jamais veremos o mundo “através dos olhos das crianças” (GRAUE & WALSH, 2003). Por isso é necessário romper com as visões que ao longo da história humana foram criadas e reproduzidas sobre as crianças. Inicialmente a criança fora colocada sob o olhar do adulto, tida como futuro da nação; desta maneira, passou a ser uma preocupação tanto estatal quanto da sociedade civil (PROUT, 2010).

No contexto dominante, as crianças são consideradas incapazes de falar por si próprias, a relativa falta de socialização das crianças significa que elas falam a partir de uma posição de ignorância sobre os papéis e convenções sociais (LEE, 2010).

Assim, rompendo com os preconceitos construídos, todo pesquisador deve inclinar-se sensivelmente para a arte de apreender a voz das crianças na peculiaridade de suas relações, ou seja, ouvi-las representa abrir mão de qualquer possibilidade de juízos de valores que possam corromper a tonalidade do que é dito pela criança, não cedendo terreno à tentação de querer ouvir o que se pretende ouvir (CARVALHO & MULLER, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos, a seguir, um pouco de nossas reflexões sobre a pesquisa com crianças de uma escola quilombola. Nossa investigação foi realizada na Escola Quilombola Caminho da Boa Esperança, localizada na comunidade quilombola Nova Esperança.

A EQCBE – Escola Quilombola Caminho da Boa Esperança atualmente oferece os seguintes segmentos: educação infantil, ensino fundamental de 9 anos, a educação de



jovens e adultos – EJA e em parceria com o governo do estado oferece o Emitec com turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

Minhas inquietações iniciais surgiram de forma secundária, mas não menos importantes: eu, com formação em História, jamais havia trabalhado ou sequer pesquisado crianças. Assim, fiquei inicialmente atônito sobre como me portar diante e com elas e como seria minha reação nos contextos em que houvesse a necessidade de interagir com as crianças, e quais as estratégias deveria utilizar para ser aceito por elas.

Com todas essas dúvidas e questionamentos acerca do campo e dos meus colaboradores, iniciei a pesquisa no segundo semestre do ano de dois mil e dezesseis, no mês de agosto. Em alguns diálogos com os estudantes fomos descobrindo que alguns gostavam de futebol e que tinham vontade de montar um time, me coloquei a disposição para organizar a equipe de futebol com os interessados, vislumbrei nesta situação a oportunidade perfeita para que as crianças inserissem-me no grupo das suas relações, mesmo essa ideia sendo prejudicada pela paralisação do funcionalismo, ela me propiciou uma maior interação com as crianças e me permitiu de certa forma e quando interessava a eles ser aceito e integrado ao grupo das crianças.

Inúmeras dificuldades foram surgindo ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, algumas ligadas diretamente a minha relação com as crianças e como me comportar com elas em suas interações e outras relacionadas ao acesso a comunidade no inverno, época que foi marcado por muitas chuvas no município de Wenceslau Guimarães.

O contato com as crianças foi estreitado pela ideia de construção do time de futebol, que nem só ganhou adeptos entre os meninos, mas também entre as meninas. Sentindo que a situação conspirava a meu favor, comprei uma bola de futebol e presenteei a sala, para dessa maneira usar a meu favor toda essa situação, que até então se apresentava como uma porta larga para acessar um pouco do mundo das crianças e, mesmo não dando certo por fatores mencionados anteriormente, serviu para possibilitar a minha inserção no meio delas.

As maiores dificuldades que enfrentei ao pesquisar as crianças na Escola Caminho da Boa Esperança emergiram em sua grande maioria nas situações em que tive que ficar na sala com estudantes a pedido da professora Neide, pois esses momentos colocavam em posições antagônicas meus propósitos enquanto pesquisador e os da minha substituição temporária a professora, essa situação conflituosa, de interesses opostos era um tanto complicada para administrar, no entanto nesses momentos, escolhia a melhor opção para a pesquisa, sem com isso diminuir a importância e a confiança que Neide depositava em mim.



Mediar algumas situações de conflitos entre as crianças nessas oportunidades, foram as situações mais embaraçosas as quais encontrei no campo de pesquisa, pois eu estava almejando adentrar no mundo delas como nos dizeres de Quinteiros (2009), despindo-me de qualquer preconceito, em parte tornando-me uma criança para tentar entender as suas relações, e sempre que era colocado ou confrontado com uma situação que me obrigava a agir como adulto, eu não sabia como me colocar ou encontrava dificuldades para contornar a situação posta.

No entanto, quando tais situações emergiam nos momentos de brincadeiras, nos horários de recreação eram mais tranquilas encontrar uma solução pacífica, que não me colocava em situação de conflito de interesses, pois eu tinha mais domínio da situação, em como conduzir, pois não estava pressionado a agir como adulto, mas mediava enquanto participante da mesma brincadeira.

Posso afirmar que foram em momentos conflituosos que mais aprendi com as crianças, entendi que todas as ações não são desconectadas e que elas agem segundo seus interesses em diversas situações, em registros nos diários de campo, fica latente quando eles pedem minha interseção com a professora para liberá-los mais cedo, ou para advogar junto a equipe gestora para pedir a bola de futebol, para pedir a Neide para levá-los ao campo, eles se utilizaram nestas situações, da minha posição enquanto adulto para atingir um objetivo, assim fica evidente que a aceitação no grupo não foi aleatória, pois as crianças tinham consciência que em diversas situações a minha opinião ou interseção os ajudariam a atingir seus objetivos.

A minha experiência com as crianças da turma do 5º ano da Escola Caminho da Boa Esperança, possibilitou-me a desenvolver um olhar diferente sobre as crianças, que a atenção se constitui como fator essencial no tratamento e interação com elas. Nessa perspectiva busquei imergir no mundo das crianças de Nova Esperança, com a intenção de desvendar um pouco das relações e interações sociais que elas constroem na turma do 5º ano, mas não restringi apenas ao âmbito escolar, tentei compreender como elas (re) Constroem suas relações sociais para além dos muros da escola.

Muitos foram os desafios postos a mim no que tange a pesquisar as crianças, mas com tranquilidade posso afirmar que os aprendizados e os ensinamentos que elas me proporcionaram foram bem maiores e me possibilitaram concluir esta fase da pesquisa, mas certamente o ganho mais valioso para mim foi o amadurecimento enquanto pessoa e pesquisador das relações étnicas entre as crianças.



CONCLUSÃO

Os autores que nos subsidiaram nas discussões as quais nos propomos, defendem a ideia da criança como ator social, aquela que não está passiva como simples objeto das atenções dos adultos, que precisam ser monitoradas em razão da sua suposta condição de “um-*vir-a-ser*” (LEE, 2010), ou como Ariès chama de um “adulto em miniatura”, os estudos sociológicos nos mostraram que as crianças e os contextos se moldam mutuamente, que elas constroem e reconstroem seus mundos no que Corsaro (2002) chama de reprodução interpretativa do mundo dos adultos.

Palavras-chave: Infância. Sociologia da Infância. Criança Quilombola.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; MULLER, Fernanda. Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária. In: MULLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-contas” das crianças. **Educação, sociedade e culturas**, nº 17, 113-134, 2002.

GRAUE, Maria Elizabeth; WALSH, Daniel J. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.

LEE, Nick. Vozes das crianças, tomada de decisão e mudança. In: MULLER, F. (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.

PROUT, Alan. Participação, políticas e as condições da infância em mudança. In: MULLER, F. (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: Um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana L.G.; DEMARTINI, Zeila B.F.; PRADO, Patrícia D.(Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2009.